

## **‘As intermitências da Morte’: debate acerca do direito à literatura lusófona no processo de alfabetização de jovens e adultos**

**Nilce da Silva\* (e outros)<sup>1</sup>**

O artigo discute o direito à literatura lusófona – Saramago, como exemplo - na formação de professores e na alfabetização de jovens e adultos por meio de pesquisa-formação na cidade de São Paulo.

### **Palavras-chave**

Literatura lusófona; adultos;  
estigma; alfabetização;  
Saramago; formação de  
professores

---

\*Faculdade de Educação da  
Universidade de S. Paulo  
(USP). Editora da Revista Aco-  
lhendo a Alfabetização nos  
Países de Língua Portuguesa.  
nice@usp.br

## Introdução

*Vamos imaginar realmente que a morte desapareceria. Aparentemente seria estupendo, não? Não iríamos morrer mais. Mas seria um desastre, seria o caos.*

Saramago

“As intermitências da morte” revela a própria intermitência da vida; ora, estancada por alguma dificuldade, ora, jorrando devido algum feito que a impele para frente. O processo de alfabetização também sofre essas forças: se, em dado momento, o educando sente-se temerário o bastante para arriscar, em outro, pode recolher-se por achar que o desafio está além de suas forças. Nesses momentos de acanhamento, o aluno sofre o peso do preconceito que impõe a si mesmo, resultado dos estímulos externos que recebeu. Ao alfabetizador, cabe contrabalançar os elementos que causam o medo e aqueles que incentivam para que os primeiros sejam superados e, portanto, permitir novas atitudes de enfrentamento e de aprendizagem diante das letras, da vida e da morte.

Ivana, Jacqueline, Roberta

“As Intermitências da morte” pode ser utilizada para ensinar a ler e a escrever já que o autor apresenta a morte como uma entidade que ‘para e começa’, ou seja, está em constante movimento, assim como a Língua.

Alessandra, Margareth, Viviane

Este texto é fruto das ações do *Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar: o papel da instituição escolar* – [www.projetoacolhendo.org](http://www.projetoacolhendo.org). Nele, apresentamos uma ação que é o resultado das pesquisas que realizamos sobre alfabetização de jovens e adultos por meio da literatura lusófona cujo objetivo básico é formar professores alfabetizadores. Ou seja, este artigo reflete o diálogo entre os três pilares básicos que sustentam a universidade hoje: o pesquisar, o ensinar e a possibilidade de devolver à sociedade o conhecimento produzido nesta instância social<sup>2</sup>.

Na mesma perspectiva, como professora do curso de *Fundamentos/ Metodologia do Ensino da Alfabetização/ Letramento de Jovens e Adultos* e seus alunos- professores produzimos este artigo que, além de produzir e sistematizar conhecimento acerca da relação literatura/ lusofonia e alfabetização, introduziu-nos na literatura lusófona e nos permitiu exercer os papéis de leitores e de lusófonos.

Finalmente, tal obra coletiva instigou nossa reflexão acerca de aspectos práticos e teóricos relacionados com a formação de alfabetizadores de jovens e adultos em situação de pouca escolarização na cidade de São Paulo e ao preconceito lingüístico existente sofrido por esta população discente.

Nesta rede de ações e relações, apresentaremos nossa contribuição aos leitores com as seguintes divisões: Parte I - Direito à literatura: a morte como tema; Parte II- As intermitências da morte na alfabetização de jovens e adultos e, por último, nossas considerações finais acerca do preconceito lingüístico pertinente ao mundo lusófono.

Na primeira parte desta obra, à luz do conceito de Pierre Bourdieu, com a colaboração de Champagne (2001), “capital simbólico”, aliado ao “direito à literatura”, defendido pelo professor Antonio Cândido (1991), apresentamos a situação de exclusão social em que vive boa parte da população brasileira quando se trata, não só, mas inclusive, do direito a alimentar a alma. Apontamos que, apesar destas dificuldades, a literatura lusófona é composta por inúmeras obras de grande qualidade literária, dentre elas, obviamente, *As intermitências da morte* do escritor português José Saramago, que no conjunto da literatura universal, é uma das poucas que se atreve a tocar a temática que amedronta a humanidade independentemente do tempo e do local.

A seguir, parte II, a vida de Saramago é apresentada, assim como, resumo da obra escolhida para nossas reflexões neste artigo. Destacamos alguns parágrafos belos da mesma, e, em seguida, iniciamos discussão acerca dos métodos e técnicas disponíveis para os alfabetizadores que aceitarem o desafio de trabalharem com seus alunos com obras desta envergadura, alertando para o fato de que tais apontamentos, aparentemente técnicos, necessitam de embasamento teórico via conhecimento das obras de Paulo Freire, priorizando o conceito de “diálogo”; e de D.W.Winnicott e sua concepção de “criatividade”.

Finalmente, à luz de Boaventura Sousa Santos, E. Goffman e Marcos Bagno, discutimos a possibilidade de minimizar, por meio da perspectiva de trabalho em que pesquisa, ensino e extensão se articulam estreitamente, pretendemos discutir a possibilidade de minimizar o preconceito lingüístico e o “estigma” enfrentado pelos falantes da Língua Portuguesa no mundo, e aquele sofrido pela população de migrantes, sobretudo vindos da região nordeste do Brasil, quando se instalam na cidade de São Paulo.

## **Parte I - Direito à literatura: a morte como tema**

*Morrer, só se morre só. O moribundo se isola numa redoma de vidro, ele e a sua  
agonia. Nada ajuda nem acompanha.*

Rachel de Queiroz

## **Literatura e capital simbólico**

Champagne, em obra organizada por Bourdieu (2001), faz uma análise do valor da escolarização nos dias atuais e diz que existem dois sistemas escolares completamente diferentes: um para os pobres, totalmente descaracterizado em relação ao que fora planejado nos anos de 1950, e outro, “organizado”, mais próximo desse modelo para os que podem pagar. Anteriormente, a escola excluía facilmente os pobres, alegando que estes não tinham capacidade para estudar. Já, as transformações ocorridas desde os anos de 1950 permitiram o ingresso de uma população que antes não tinha acesso ao jogo escolar, mas a concorrência levou

os que já utilizavam a escola a investir cada vez mais em educação de seus filhos. A exclusão se manteve:

[...] o processo de eliminação foi adiado e diluído no tempo: e isto faz que a instituição seja habitada a longo prazo por excluídos potenciais, vivendo as contradições e os conflitos associados a uma escolaridade sem outra finalidade que ela mesma.” A escola mantém excluídos potenciais. Esses alunos sabem que a escola é um engodo. Famílias que, às vezes, pagam com muito sacrifício o estudo dos filhos percebem que, ao final, a única coisa que eles possuem é um diploma muito desvalorizado. No entanto, a diluição no tempo provoca certa ilusão nos alunos. Define-se, cada vez mais cedo, qual o caminho possível a se tomar e esta decisão, mais tarde, terá conseqüências. Surge o paradigma do fracassado relativo, aquele que tem algum sucesso, mas é sempre lembrado que, de fato, ocupa uma posição desprivilegiada na sociedade (Champagne in Bourdieu, 2001, p. 482-483).

Neste sentido, no Brasil, a escola continua a excluir como sempre, só que agora ela mantém dentro do próprio sistema escolar aqueles que exclui, “[...] simplesmente marginalizando-os nas ramificações mais ou menos desvalorizadas” (Champagne in Bourdieu, 2001, p. 485). Um dos grupos marginalizados neste processo é formado por jovens e adultos em situação de pouca ou nenhuma escolarização. Estes buscam a escolarização em diferentes programas (governamentais, não-governamentais e híbridos) concebidos para oferecer o aprendizado das primeiras letras para aqueles que não puderam aprendê-las na idade ideal.

De acordo com Bourdieu (2001), esta escola de periferia - destinada a pobres, migrantes, descendentes de africanos e ou nativos brasileiros - produz certo “mal-estar” entre seus usuários, pois ela finge dar acesso a bens materiais ou culturais que na verdade são falsos, são apenas simulacros.

No caso deste artigo, conforme já adiantamos, destacamos um destes bens: a literatura que, segundo as pesquisas<sup>3</sup> realizadas pelos membros do Grupo Acolhendo, não tem sido oferecida, nem apropriada por jovens e adultos em situação de pouca ou nenhuma escolarização, seja porque a estes não se torna possível o domínio da leitura e da escrita em Língua Portuguesa ou porque, aos seus professores, também foi negado este acesso. Nas palavras de A. Cândido: “(...) em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens” (1995, p. 235).

Para este autor, ao adotar o posicionamento de um grande sociólogo francês, o dominicano Padre Louis-Joseph Lebret, Cândido estabelece que, na vida, existem dois tipos de bens: os compressíveis e os incompressíveis. Para estabelecer esta divisão, existem critérios que variam no tempo e nos lugares, apesar de que, certos bens incompressíveis não variam praticamente, tais como: alimento, casa e roupa.

O domínio da escrita e da leitura da Língua Portuguesa, assim como, o acesso à literatura lusófona, do nosso ponto de vista, é um bem incompressível, porém, devido à nossa história sócio-econômica, tal bem se cristalizou como compressível,

pois as cifras que representam esta exclusão são assustadoras. Ou seja, milhões são os jovens e os adultos distanciados da literatura como formadora da sua identidade, da sua personalidade e da sua Humanidade, já que, concordamos com Cândido:

[A literatura é] exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (1995, p. 249).

Inúmeras são as obras e os autores da lusofonia que poderíamos citar e que são negadas à maior parte dos nossos alunos e dos professores em sala de aula. Destacamos<sup>4</sup>: *Sagarana*, *O burrinho Pedrês*, *Primeiras Estórias* (J. G. Rosa); *Macunaíma* (M. de Andrade); *Vidas Secas* (G. Ramos); *Quincas Borba*, *Peru de Natal*, *Idéias de canário* (M. de Assis); *Iracema* (J. de Alencar); *Poemas*, *Libertinagem* (M. Bandeira); *Os sertões* (E. Cunha); *Pombo-Correio*, *Verão excessivo*, *Visitante Noturno*, *O rato e o canário*, *Um cão, outro cão* (C. D. de Andrade); *História de Bem-te-vi* (C. Meireles); *Libertinagem*, *Porquinho-da-Índia* (Manoel Bandeira) e *Ensaio sobre a cegueira* e *As intermitências da Morte* (Saramago), escolhida para estudo neste artigo, dentre muitas, muitas outras.

### Literatura e morte

No caso desta reflexão-texto, *As intermitências da morte* foi nosso ponto de partida, pois, a mesma contém a dimensão intrínseca da literatura de humanizar, assim como e especialmente, por tratar de um tema, que independentemente do tempo e do lugar, humaniza-nos obrigatoriamente: a morte. Nesta direção, de acordo com Laplantine (1991), outros escritores estiveram atentos às emoções da morte e da doença, e por meio dos seus textos literários, ofereceram importantes contribuições à Medicina. Citamos: *O médico do interior* (Balzac); *O doutor Pascal* (Zola); *A morte tranqüila* e *A cerimônia do adeus* (Simone Beauvoir); *A vida tranqüila* (Marguerite Duras). Muitos são os romances autobiográficos que merecem nosso destaque enquanto “diários de doença ou de morte” escritos por: Kafka, Proust, Katherine Mansfield, Virginia Woolf e Thomas Mann. Porém, nenhum deles pertencente ao mundo lusófono pelo que está aqui mais um traço que faz da referida obra de Saramago uma escolha recomendada para o trabalho junto àqueles que não tiveram o direito à literatura lusófona.

Do nosso ponto de vista, jovens e adultos poderiam compreender um pouco mais sobre as sutilezas da realidade vivida caso tivessem a possibilidade de ler e discutir este livro de Saramago, pois, sabemos que compreendemos uma sociedade quando observamos como a mesma trata a morte.

Na cidade de São Paulo, por exemplo, muito parecida em hábitos com o país

imaginário de Saramago, com seus quase vinte milhões de habitante, segundo Cassolra (1991), a morte saiu de casa, está nos hospitais e nas unidades de terapia intensiva. O doente está longe dos seus familiares. Nossos mortos morrem sozinhos, sem familiares e amigos, apenas com tubos. Ainda de acordo com o mesmo autor, os parentes, às vezes, torcem para que os mesmos morram logo, para que gastem o menos possível com remédios e internações e para que a vida volte ao normal rapidamente. Os velórios são chatos de ir, não se sabe o que falar. E assim, o morto tem que desaparecer rapidamente com o mínimo de inconveniente para os sobreviventes. Mas, observem como é duro ouvir estas palavras, escrever estas constatações e, mesmo, dizê-las, pois sabemos que um dia elas nos serão dirigidas. Na literatura, porém, tudo é feito, dito e sentido por meio das personagens que ali estão. Conforme nos lembrou o grupo dois: a morte é um assunto que desperta o interesse de todas as pessoas, a obra é escrita em uma linguagem simples, e nos faz refletir sobre as situações mutáveis, uma vez que a própria morte mudou sua situação.

Vejamos, a seguir, alguns aspectos da vida de Saramago e (re)visitemos *As intermitências da morte*.

## **Parte II- As intermitências da Morte na alfabetização de jovens e adultos**

*«O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever».*

Saramago

### **Vida de José Saramago: um recorte**

Antes de falarmos da obra propriamente dita, há que se chamar atenção para o seu autor. Este, do nosso ponto de vista, ao ser apresentado para público jovem e adulto pouco escolarizado, poderá trazer mais força para viver e para aprender a ler e a escrever em Língua Portuguesa, tendo em vista as situações que ele tem vivenciado ao longo dos seus mais de oitenta anos.

José Saramago, assim como muitos dos alunos de educação de jovens e adultos que têm seus nomes e sobrenomes alterados devidos a desentendimentos sobre pronúncia e escrita entre pais e notários, deveria apenas se chamar “José Sousa”. Esse sobrenome, Saramago, foi-lhe presenteado, por engano, pelo funcionário do registro civil e significa *uma variedade de ervas daninhas*.

Como se não bastasse este traço cartorial, Saramago, tal como a população de alunos a qual nos referimos, nasceu em 16 de Novembro de 1922, embora a sua certidão de nascimento aponte a data de 18. A razão para a discrepância foi a mais comum possível entre as classes menos desfavorecidas: já que a família estava fora da data, preferiu mentir sobre a data do nascimento a pagar a multa.

Além disto, também é migrante no território português. Primeiro, saiu de

Azinhaga onde nasceu e foi para Lisboa, ou seja, como boa parte dos alunos em processo de alfabetização, muitos já aculturados, na cidade de São Paulo. A zona rural foi deixada e, nela, parte das vidas destas pessoas.

Mais um aspecto da vida de Saramago que pode contribuir para aproximação deste com o público discente em questão, diz respeito às cenas de violência contra a mulher que o mesmo vivenciou. Neste quesito, uma atenção especial às mulheres, estudantes do curso noturno, que, como sabemos, travam grandes lutas com seus companheiros para freqüentarem o ensino supletivo, já que estudar e sair de casa ainda faz parte do universo masculino.

Finalmente, ter saído da pobreza - das mudanças constantes de casa e de endereço, das dificuldades para estudar devido à miséria da família - para o Prêmio Nobel de Literatura pode fazer de Saramago um símbolo/ ídolo para os adultos pouco escolarizados, tanto por alimentar-lhes esperanças, como para refletir acerca da cultura que lhes é negada.

### **Um trabalho antropológico: Autobiográfico? Humanobiográfico<sup>5</sup>?**

*As intermitências da morte* narra a atuação da morte em um país cujo nome desconhece-se. Estranhamente, ela deixa de matar a partir do primeiro dia do ano. Tal inexistência de atuação acarreta uma série de transformações na vida cotidiana das pessoas que vai da preocupação das funerárias que não vendem mais seus caixões às dificuldades enfrentadas pelos administradores de asilos com superlotação e ainda atinge a vida dos familiares de parentes em estado terminal que preferem, por meio de mercado negro recentemente instalado no país, passar a enviá-los para fora do mesmo, para que pudessem morrer em paz e deixar em paz. Passado algum tempo, a morte começa enviar cartas de cor violeta para as pessoas. Quem recebesse uma delas teria apenas uma semana de vida antes de morrer e, por isso, deveria fazer seus acertos finais: desculpar-se com alguém, arrumar testamento e demais atividades. Tal inovação também coloca toda a população a refletir e a temer a provável recepção da carta. Ocorre, porém, que uma das cartas que a morte envia não chega ao seu destinatário em diversas tentativas. Tal situação deixou nossa inseparável companheira muitíssimo intrigada a ponto de personificar-se em uma bela mulher e conhecer o teimoso destinatário para entregar-lhe a carta em mãos. Ao final do romance, sabemos que, a situação foge-lhe do controle e ela termina por relacionar-se com o violoncelista teimoso que vive com seu cão.

Apenas com este resumo, percebemos as inúmeras questões existenciais e inerentes ao ser humano, colocadas por Saramago e que nós – que aqui escrevemos ou lemos e os alunos em situação de aprendizado da leitura e da escrita da nossa língua – também nos colocamos cotidianamente. Ou seja, Saramago nos coloca a pensar sobre a resignação diante da morte; sobre a nossa resistência ao desaparecimento e, finalmente, sobre os aspectos benéficos do morrer, quer

queiramos ou não. Saramago faz isto com toda a elegância, charme, estilo e humor de um Prêmio Nobel. Vejamos apenas algumas passagens do seu livro.

Observemos abaixo a morte quando assume a metáfora da mordedura (Lapplantine, 1991), daquela que sempre atacou e encontra-se irritada por não conseguir matar o violoncelista e, por isso, vai, sem ser vista, observar-lhe em sua casa:

[A morte] Aproximou-se mais, quase a roçar, se tal cousa se pode dizer, a mesa-de-cabeceira, e viu que o homem estava só. Porém, do outro lado da cama, enroscado sobre o tapete como um novelo, dormia um cão mediano de tamanho, de pêlo escuro, provavelmente negro (2005, p. 150).

Vale à pena destacar outra passagem na qual a morte, já transformada em mulher, depois de ter se apresentado ao músico no seu trabalho, vai à procura dele num parque para entregar-lhe, em mãos, a carta violeta, tentativa mais uma vez frustrada:

Calhou ser domingo o dia seguinte. Estando o tempo de boa cara, como sucede hoje, o violoncelista tem o costume de ir passar a manhã num dos parques da cidade em companhia do cão e de um ou dois livros. O animal nunca se afasta muito, mesmo quando o instinto o faz andar de árvore em árvore a fareja as mijadas dos congêneres. Alça a perna de vez em quando, mas por aí se fica no que à satisfação das suas necessidades excretórias se refere” (2005, p. 172).

Nestes trechos, percebemos que a morte - que, até então, agia de modo frio e racional; e que, há um pouco mais de tempo, houvera instalado um desequilíbrio entre o Homem e ele mesmo; entre o Homem e o cosmos; entre o Homem e seu país - sente o inexplicável e não consegue entregar a carta violeta ao músico que anunciaria o fim da vida deste homem. Do nosso ponto de vista, tal transformação da entidade que a enfraquece em sua natureza, já se revela na seguinte passagem “Sentada no seu canto, a morte olhava. Muito mais tarde, o cão levantou-se do tapete e subiu para o sofá. Pela primeira vez na sua vida a morte soube o que era ter um cão no regaço” (2005, p. 154).

Ou seja, aqui temos revelado a importância do afeto e do calor, para a manutenção da saúde dos seres humanos e da vida, desde a sua gestação. Tal apreciação pelo abraço, reitera-se no último parágrafo da obra, ao mesmo tempo em que coloca “vida” e “morte” numa relação paradoxal. Observemos mais uma vez: “A morte voltou para a cama, abraçou-se ao homem e, sem compreender o que lhe estava a suceder, ela que nunca dormia, sentiu que o sono lhes fazia descair suavemente as pálpebras. No dia seguinte ninguém morreu” (p. 207).

Em suma, tendo feito estas considerações acerca da vida de Saramago, da beleza de As intermitências da morte, entendemos que tal parte da cultura lusófona será bem aceita em salas de aula de ensino e leitura da língua portuguesa para jovens e



adultos. Nesta direção, vejamos um pouco sobre este direito pode ser conquistado por nossos alunos.

### **Metodologia de ensino da Língua Portuguesa: alguns apontamentos necessários**

*Morrer é apenas não ser visto. Morrer é a curva da estrada.*  
Fernando Pessoa

Ao refletirmos acerca da metodologia de ensino da Língua Portuguesa na perspectiva até agora desenvolvida, temos que levar em consideração que os adultos em situação de pouca escolarização, além de não dominarem a língua escrita, segundo seus próprios relatos e depoimentos, por terem sofrido diversos processos de exclusão e discriminação ao longo da vida e da escola, muitas vezes, sentem-se incapazes para aprender, por isso, o trabalho com esta população está para além das técnicas didáticas. Entretanto, alguns procedimentos precisam ser compreendidos pelo professor alfabetizador acerca do ensino da leitura – que levará benefícios para o aprendizado da escrita - para que ele e seus alunos possam aproveitar o máximo possível das obras literárias.

Uma primeira condição para que qualquer texto seja trabalhado em uma sala de aula é que o professor o tenha lido e apreciado. Em seguida, antes de iniciar o trabalho de leitura propriamente dito da obra, há que se promover a exploração do objeto livro em si pelos alunos e realizar algumas leituras tópicas: título do livro, autor, editora, dentro outras, além de fazer a leitura de imagens da obra com os alunos: fotos, desenhos, pintura, esquemas e ilustrações em geral. Interessante também, é observar o suporte em que a obra está inscrita: tipo de papel, tamanho das letras, páginas, boxes, dentre outras características do material. Também pode ser recomendado ao alfabetizador que utilize algum outro material que trate do tema morte, como por exemplo: ouvir canções em sala de aula, assistir a filmes, promover depoimentos.

Sendo estas condições verificadas, o docente pode apresentar o autor com o qual realizará seus trabalhos em sala de aula e fazer o levantamento dos conhecimentos que seus têm acerca do mesmo, neste caso, Saramago, advindos de outras fontes de informação: televisão, revista, rádio, dentre outras. Pode-se, ainda, também debater, livremente, acerca da relação entre Brasil e Portugal e as diferentes maneiras de se falar nestes países. Em seguida, ao apresentar a obra – preferencialmente levando o livro em sala – verificar se existe clima sócio-emocional na sala de aula para trabalhar-se o tema morte e qual a expectativa destes alunos frente à proposta. É importante também que o professor explicita aos seus alunos como ele pensou em trabalhar a obra em questão e quais os motivos que o levaram a fazer esta opção.

Feita esta introdução, três idéias parecem-nos adequadas para a continuidade do trabalho: I- O professor alfabetizador pode assumir a função de leitor nos grupos

iniciais e guia de leitura, nos grupos mais adiantados. 2- Há sempre a possibilidade da decodificação e compreensão da leitura no coletivo, grupos pequenos ou grandes, para promover o salutar diálogo entre leitores. 3- E ainda, a possibilidade do aluno trabalhando sozinho com suas próprias forças há que ser considerada.

Frente ao conhecimento das possibilidades de trabalho da sala de aula, o professor poderá planejar a atividade ao longo do semestre.

Pontuamos ainda que professor de alfabetização, neste trabalho de ensino da leitura, precisa estar atento para a compreensão do que é lido pelos seus alunos; verificar assim se o momento é de avançar ou retroceder a leitura e mesmo apresentar um resumo do que foi lido, periodicamente, para assegurar a compreensão de todos, especialmente, porque no caso, referimo-nos a uma obra de, aproximadamente, 200 páginas. Não deve ser desprezado, neste ensino o uso de dicionários, enciclopédias, mapas, dentre outros recursos de suporte para apoio à compreensão da obra.

A seguir, listamos algumas possibilidades práticas de trabalho em sala de aula que, se ancoradas em referencial teórico que prima pelo diálogo, conforme nos ensina Paulo Freire, e pelo desenvolvimento da criatividade, à luz da teoria de D.W. Winnicott, podem se mostrar eficazes: o professor poderá ler em voz alta partes da obra, como se ela fosse uma novela, intercaladas por resumos feitos por ele, antes de iniciar leitura de novo parágrafo. Tal prática precisa ser regular e sistemática, diariamente, para que se transforme em hábito e, para tanto, há que se observar a dose de leitura interessante no grupo em que atua.

Ainda a respeito de técnicas de ensino, o professor pode: escolher uma das personagens que aparece no decorrer da obra e, a partir da leitura de uma passagem do livro, discutir com os alunos sobre as características destas pessoas, assim como, os valores sociais da realidade em que se inserem; entregar para pequenos grupos ou para os alunos de modo individual, passagens destacadas da obra, ou mesmo nomes de pessoas que aparecem no romance – tal escolha vai depender do domínio da leitura da sala e de seus alunos – e incentivar a leitura, ainda que de uma parte pequena da obra, inserida no contexto da obra explicitado e em narração é recomendável; propor leitura coletiva cooperativa ou em pequenos grupos, silenciosa ou em voz alta e segue-se debate geral na classe para a sistematização das conclusões sobre a parte da obra estudada; ler em voz alta e fazer de si um modelo de leitor; pode pedir para que um aluno retome a leitura feita nos dias anteriores; solicitar que os alunos façam inferências acerca da leitura; digitar ou escrever na lousa trechos do livro e pedir para que os alunos copiem-no e tentem lê-lo em suas casas; escrever cartazes acerca da obra e colá-los na sala como elemento surpresa; sempre discutir com os alunos a compreensão do que está sendo lido e se há diferentes interpretações sobre a passagem; anunciar, como propaganda, as cenas dos próximos capítulos da leitura da obra; oferecer o papel de professor para algum aluno e deixar que ele pense em formas de ensinar a ler; gravar fitas cassete de um ou dois capítulos da obra para que o aluno escute em casa; deixar a responsabilidade da leitura para um aluno da classe em dia previamente definido; orientar trabalhos de leitura em duplas na sala

de aula, e, em seguida, promover o diálogo entre os leitores; fazer cartazes sobre os livros lidos, dramatizá-los, estimulando a imaginação; pedir a indicação de novas obras literárias para os alunos de modo que eles comecem a se interessar pelo mundo dos livros; incentivar a escrita, em todas as modalidades, a partir da leitura da obra e ainda divulgá-las, com a permissão do aluno, para toda a sala, para escola ou para além dos muros da instituição.

Pragmaticamente pensando, o nosso semestre letivo no Brasil tem, em torno de, noventa dias de trabalho legalmente estabelecidos, porém, de fato, contamos com 70 dias para trabalharmos a obra de Saramago de 210 páginas. Ou seja, temos que apresentar três páginas por dia da obra e técnicas para isto não nos faltam conforme apontamos acima. O grupo sete mostra-se acordo com esta possibilidade quando afirma que a princípio é possível trabalhar com diversas obras e textos, sejam eles escritos informais como histórias em quadrinhos, charges; textos menos formais, tais como, passagens de contos e de fábulas, até os mais formais, como, por exemplo: romances completos, textos de jornais e revistas. Tudo depende da forma como será abordado o texto.

Partiremos agora para nossas considerações finais, na tentativa de refletir se o trabalho com obras literárias do porte desta aqui selecionada pode contribuir para a diminuição do preconceito lingüístico, escolar e social sofrido por adultos com pouca ou nenhuma escolarização na sociedade brasileira e, ainda, se tal perspectiva teórico-metodológica de pesquisa-ensino e formação contribui para minar o estigma fortemente relacionado às pessoas e aos falares da Língua Portuguesa no mundo.

### Considerações finais

É uma infâmia nascer para morrer não se sabe quando nem onde.  
Clarice Lispector

A história de Portugal é marcada pela saída dos portugueses de seu território, sendo que, em cada período, há diferentes motivos para o êxodo. O período conhecido como *Grandes Navegações* iniciou esta história de forma que podemos falar da existência de um Império Português, desde 1415, com a tomada de Ceuta, a 1999, com a entrega de Macau para a República da China. Perguntamo-nos: e hoje, que papel ocupa Portugal, suas antigas colônias, no cenário mundial?

Segundo Santos (1996), este Império foi “tomado” pela Grã-Bretanha, maior potência do mundo no século XIX, afastou todos os seus concorrentes, especialmente os que não atingiram seu grau de industrialização. Conquistou e subordinou muitos territórios e países já constituídos por meio de ultimatos, ameaças, pressões econômicas e conflitos militares. Nesta condição, ainda de acordo com este estudioso, os portugueses se constituíram como

[...] único povo europeu que, ao mesmo tempo que observava e considerava os povos das suas colônias como primitivos ou selvagens, era, ele próprio,

observado e considerado, por viajantes e estudiosos dos países centrais da Europa do Norte, como primitivo e selvagem (Santos, 1996, p. 152).

Dito de outro modo, Portugal encontra-se na semiperifericidade do contexto mundial e os portugueses foram e são considerados, paradoxalmente; civilizados — pelas suas antigas colônias — e selvagens, ao mesmo tempo, pela América do Norte e Europa.

De acordo com as pesquisas realizadas no Grupo Acolhendo, o fluxo de migrantes portugueses para o interior da Europa ocorreu, dentre outras razões, para suprir mão-de-obra na construção civil, nas obras públicas, em serviços domésticos e agricultura. Por ocupar esta posição menos valorizada na hierarquia sócio-profissional, instala-se um desprezo, às vezes, declarado, outras, dissimulado, pelos falantes da língua de Camões. E, deste modo, até mesmo a percepção do acento de base lusófono, quando portugueses, brasileiros, angolanos, dentre outros, se expressam em outras línguas europeias é motivo para que tais falantes sejam estigmatizados. Ou seja, este traço lingüístico, segundo Goffman (1988), faz com que atributos depreciativos sejam atribuídos aos falantes da Língua Portuguesa. Ou seja, o simples sotaque lusófono oferece uma identidade deteriorada frente ao “outro”, o europeu do norte ou aos povos da América do Norte.

Com a mesma força, o estigma lingüístico pode ser observado em alunos pouco escolarizados em São Paulo, majoritariamente, migrantes nordestinos possuidores de diferentes formas de falar tipicamente regionais e até mesmo locais. Tal marca social imprimida nestas pessoas remete a uma representação, que lhes é atribuída socialmente, de seres inferiores. Para muitas pessoas, o falar com sotaque das regiões nordeste do Brasil, significa ser: analfabeto, fracassado, negro, pobre, disléxico - concepção social ideologizada introjetada por estes alunos, fazendo com que eles próprios se desmereçam como pessoas, fator que dificulta a aprendizagem de um modo geral, e, neste caso, a das primeiras letras.

Do nosso ponto de vista, afirmamos que trabalhar com a literatura lusófona – como neste caso, com *As intermitências da morte* - no âmbito do ensinar a ler e a escrever pode contribuir para com a diminuição do estigma, tanto do ponto de vista dos lusófonos no mundo, como dos migrantes na cidade de São Paulo. Esta contribuição foi dividida nas seguintes categorias, que dialogam entre si: 1- A importância da lusofonia ter um Prêmio Nobel. 2- A necessidade de conhecer os diferentes falares da língua portuguesa. 3- A apropriada discussão acerca da relação entre norma culta e outros falares. 4- A promoção da reflexão sobre a língua. 5- O caráter político-pedagógico inserido na concepção do direito à obra literária de qualidade.

Os grupos quatro e cinco apresentam-nos argumento bastante forte a respeito da *importância da lusofonia ter um prêmio Nobel* na direção da minimização do preconceito lingüístico em questão, em São Paulo e no mundo, quando afirmam que não só esta obra, mas todos os textos escritos de Saramago mostram que nossa

Língua favorece a existência de pensadores, escritores, poetas. O conhecimento das mesmas pode amenizar o estigma carregado pelos falantes lusófonos. Ao ganhar o Prêmio Nobel, o autor ficou mundialmente famoso, fazendo com que leitores do mundo inteiro quisessem lê-lo e conhecer um pouco mais da nossa literatura. Dito de outro modo pelo grupo oito, *As intermitências da morte* pode ser utilizada em salas de alfabetização de adultos, pois, ela nos permite conhecer um pouco mais sobre as variações da nossa língua e insiste que, cabe a nós, educadores, elevarmos o grau da nossa própria auto-estima lingüística e da de nossos alunos também. Ou ainda, como disse o grupo 14: Ler Saramago dá *status*.

Com relação à categoria *conhecer os diferentes falares da língua portuguesa*, o grupo sete afirma solidamente: é essencial apresentar aos alunos, principalmente adultos mais desfavorecidos no Brasil e no mundo lusófono, que existem diversas variantes desta Língua nos diferentes países que usam a Língua Portuguesa e também entre as distintas localidades do mesmo país. Assim, disponibilizar diferentes destas tonalidades do Português, como a obra em debate de Saramago, faz com que o alfabetizador colabore para com a diminuição do preconceito lingüístico sofrido por eles próprios, conforme Bagno (1999), parafraseado apropriadamente pelo grupo três: Este autor explicita que a escrita é uma tentativa de representação e, por isso, não existe, nem poderá ser encontrada, ortografia que consiga reproduzir a fala com fidelidade.

Afirmamos que a discussão entre a *relação entre norma culta e outros falares* é de extrema importância nesta disposição sincrônica e diacrônica dos fatos da lusofonia. Os grupos sete e dez, ao relativizarem a noção de “erro” no âmbito da escrita em Língua Portuguesa, observaram que *As Intermitências da morte* mostra que nem sempre o que está fora da norma culta é errado; pelo contrário, este tipo de ‘erro’ também pode ocorrer e ser, inclusive, Prêmio Nobel 1988, justamente por exibir texto diferente e criativo de escrever transgredindo de modo consciente as normas gramaticais. E assim, frente a obras como a de Saramago, evidenciamos que a Língua Portuguesa está em transformação e faz-se mister conhecer, discutir e rever normas gramaticais elaboradas no século passado para que possamos nos devolver como pessoa, como povo e como comunidade lusófona. O referido grupo de alunos acrescentou que, por meio da leitura da citada obra, refletiremos sobre as próprias diferenças da Língua Portuguesa falada no Brasil, levando em conta os usos que se faz da língua em cada situação, a forma como é falada nos diferentes lugares e grupos sociais. Este exercício reflexivo, afirmam os professores-estudantes, promove exposição coletiva de idéias que podem conduzir a constatação de que não há falantes ignorantes da língua materna, há falantes que fazem uso da língua de maneiras, nem melhores, nem piores, apenas diferentes; fato que, acrescentamos nós, para nos distanciar da ingenuidade, possibilita estes ou aqueles movimentos do pensamento. Para este grupo, a Língua Portuguesa é rica e complexa, o que não significa que *seja difícil* - mito apresentado por Bagno (1999) que justifica os altos índices de analfabetismo no Brasil e os resultados ruins em testes de conhecimento

da Língua em nível nacional e internacional. Neste sentido, Saramago, afirma o grupo um, apresenta uma nova proposta de escrita, que reflete a oralidade, não aceitando dogmas e criticando, de certa forma o uso incondicional da norma culta. Este autor português pode levar o aluno a compreender que ele tem capacidade de utilizar sua língua materna, em diferentes modalidades, ao invés de reforçar o sentimento de 'ser pessoa menor' por não terem sido socializados na norma culta desde a mais tenra idade.

Diante desta discussão, acrescentamos que a *As intermitências da morte*, assim como outras que já citamos ao longo deste artigo, terminam por *promover a reflexão sobre a língua*, estimulando em nossos alunos, inclusive aqueles em situação de pouca escolarização, o exercício de atividades metalingüísticas, nas quais, reflète-se sobre a língua por meio dela mesma. Assim, tal como orienta Marcos Bagno (1999), a obra de Saramago faz com que os professores se tornem reflexivos – que façam da sua prática pedagógica cotidiana, prática pedagógica pensada – no sentido de não serem, nem fazerem de seus alunos, mero reprodutores da gramática normativa. Deste modo, haverá uma produção de conceitos novos, muito mais próximos da realidade dos diferentes povos da comunidade lusófona, assim como, no seio de cada país que teve Portugal como metrópole. Finalmente, levando em conta as considerações do grupo nove, a obra que escolhemos de Saramago como motivo deste debate, pode ser utilizada em classe de alfabetização de adultos com o intuito de desmistificar alguns aspectos que são prejudiciais para o desenvolvimento do aprendizado. Bagno (1999) sinaliza que muito do que se fala da língua portuguesa são inverdades infundadas e injustificáveis. Em seu livro, Bagno (1999) quebra o mito de que quem fala errado escreve errado. Saramago, que domina perfeitamente a comunicação oral em Língua Portuguesa, por exemplo, tem um padrão de escrita distinto da gramática normativa, pois, por exemplo, ele usa vírgulas no lugar de pontos finais, porque para ele, as vírgulas são marcações mais próximas da pausa típica da fala o que propicia ao leitor uma leitura mais fluida das suas obras. Como afirma o grupo 13, por meio do homem que nasceu em Azinhaga, convidamos nossos alunos para participar do debate acerca do falar, ler e escrever em Língua Portuguesa relacionado com a questão dos grupos sociais e das possibilidades ou não de ascensão social tendo como premissa única o uso da norma culta.

Finalmente, quanto ao *direito à obra literária de qualidade*, o grupo cinco faz uma importante observação – mesmo que o uso de palavras difíceis apenas, não garante a qualidade de um texto: a obra sobre a qual discutimos promove o contato dos nossos alunos com palavras menos usadas e consideradas difíceis e estes, com auxílio do professor que poderá lhes ajudar a entender estes vocábulos novos – aos quais não têm acesso – e apropriarem-se deles, assim como das estruturas gramaticais em que estão inseridos – poderá comprovar-lhes que são capazes de aprender e, por isso, em comunhão, instaura processo de construção de sua auto-estima positiva.

Deste modo, o gostar de si mesmo, também por meio da oportunidade de conhecer palavras eruditas ou menos usadas no cotidiano, aliado ao contato com estruturas mais complexas de texto e fazer uso destes elementos, promoverá o aprendizado da leitura e da escrita da nossa Língua. De acordo com o grupo I I, a referida proposta de trabalho pedagógico em alfabetização - ler uma obra consagrada - pode colaborar para com destruição do mito – ou do aspecto reprodutivista da escola (Bourdieu, 2001) – de que com alunos pobres trabalha-se com textos igualmente pobres.

Na mesma direção – a de não oferecer o melhor material didático possível para estes alunos – o grupo número doze não nos faz esquecer de que, em cursos de Educação de Jovens e Adultos, podemos perceber – por meio de estágios e pesquisas – o uso constante e inadequado de material infantil com os mesmos, por isso, afirmam os professores-alunos, ensinar com Saramago é uma forma de valorização nossos alunos, pois ao invés de lerem textos infantis, escrito para crianças entre seis e dez anos, estaremos alfabetizando com um texto de um autor notório, valorizando a qualidade da língua portuguesa, com temática apropriada, ou seja, que reflete o mundo subjetivo dos adultos, e estaremos dizendo: vocês são capazes de ler e compreender um Prêmio Nobel.

Em suma, citamos Cândido (1995), pois com ele concordamos integralmente do ponto de vista prático e teórico com relação ao uso de *As intermitências da morte*, e outras obras deste calibre, em sala de aula de alfabetização de adultos na cidade de São Paulo e, mesmo em outros locais do mundo lusófono que apresentem características semelhantes quanto à exclusão social e educacional:

(...) a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (1995, p. 263).

## Notas

I Nota sobre os autores: Nilce da Silva é cientista social. Fez doutoramento na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) com estágio na *Université Paris Nord* acerca do falar, ler e escrever de adultos lusófonos em situação de pouca escolarização nas cidades de São Paulo, Paris e Gotemburgo. Nesta mesma instituição francesa, realizou pós-doutoramento acerca do aprendizado de jovens e adultos. Desde 2006, estuda a inserção da comunidade lusófona na região do Quebec, Canadá. É coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão *Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar: o papel da instituição escolar* e editora da *Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa* ([www.mocambras.org](http://www.mocambras.org)). Pesquisa a relação entre a escola e populações migrantes no Brasil e no mundo. É professora da disciplina *Metodologia/ Fundamentos da Alfabetização/ Letramento de Jovens e Adultos* na graduação FEUSP, cujos alunos, listados a seguir, são co-autores deste artigo. Grupo 1: Eliana Paula de Oliveira, Sueli Alves Moreira, Vanessa Dias Gomes, Roberta Graciani Bernardes e Cláudia Ferrara de Saraiva. Grupo 2: Rafael Flores de Moura, Eloá Del Corso Ruiz, Gláucia Burioli dos Santos, Priscilla Madureira Mancinelli, Lucilene Alexandre dos Santos e Maria Carmelita Dantas Dias. Grupo 3: Ana Christina Dantas Araújo, Karoline de Oliveira Marques, Mariana Batista Vieira, Marília Piráquine Ribeiro

e Renata Pâmela de Andrade. Grupo 4: Camila Botelho Previatti, Joyce Recco Tendeiro, Karina Desinari Varis, Karina Massigli, Magna Graciangela Rodrigues de Aquino e Natália Keiko. Grupo 5: Eduardo Q. Benesi, Grasiela M. di Licosa, Michelle T. Camarotto e Sueli C. M. A. Mariano. Grupo 6: Queila Emerich Lopes, Juliana Cristina Alboi Vieira, Juliana de Campos Vetrutti e Maria Carolina Gonçalves Venuto. Grupo 7: Ivana Gonçalves de Oliveira, Jacqueline de Souza Simões, Roberta Koboyashi, André Pereira, Cláudia Viterbo, Priscila de Moraes e Tatiana Skibelski. Grupo 8: Alessandra da Silva Pinto, Margareth da Silva e Viviane Maria dos Santos Gobetti. Grupo 9: Gislene Barros Concha Carvalho Soares, Maria Rosa F. Roque e Sílvia Yoshida. Grupo 10: Beatriz Adorno, Bianca Gibson, Júlia Toledo, Melody Umori e Paula Tonetto. Grupo 11: Leonardo da Silva Oliveira, Eliane Maria da Silva, Luciana Garcia, Sara Soler e Carolina Leão. Grupo 12: Francesca Pozzi, Marcelo Grazzini e Maria Carolina C. Maldonado. Grupo 13: Caroline Helene Dutra Rezende, Cleópatra de Magalhães Barbosa, Débora Guimarães de Araújo e Marina Vieira. Grupo 14: Gisele Vieira de Oliveira, Marisa da Silva Santos e Viviane de Castro. Segue endereço para contato: Rua Antonieta Leitão, 209. Ap. 12. Freguesia do Ó. São Paulo. SP. Brasil. CEP: 02925-160. Endereço eletrônico: nilce@usp.br.

- 2 Este texto é produto das atividades de ensino no âmbito do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão: Acolhendo Alunos em Situação de Exclusão Social e Escolar: o papel da instituição escolar – certificado pela Universidade de São Paulo e apoiado pelo CNPq e pela FAPESP .
- 3 No sítio deste Grupo, [www.projetoacolhendo.org](http://www.projetoacolhendo.org), poderão ser encontradas todas as pesquisas realizadas sobre a temática, desde 1999, da iniciação científica ao pós-doutoramento. Destacamos o trabalho realizado por Sandra Graciano, na periferia da cidade de São Paulo, com a obra *Vidas secas* de G. Ramos.
- 4 Todos os professores-alunos, co-autores deste texto -colaboraram para a construção desta lista. As obras selecionadas – romances, poemas, dentre outros gêneros textuais – tem animais como personagens. Tal especificidade da lista ocorre devido ao trabalho de preparo de aula e estágio que os nossos professores-alunos realizarão por meio da temática - animais e literatura – com objetivo de sensibilizar a alunos e professores frente aos seres vivos, ou ainda, à natureza.
- 5 Neologismo que significa: tipo de obra em que é contada a vida da humanidade em determinado tempo.

### Referências bibliográficas

- Bagno, M. (1999). *Preconceito Linguístico - o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola.
- Candido, A. (1995). *Vários escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- Cassorla, R. M. S. (1991). *Da morte*. Campinas: Papirus.
- Champagne, P. (2001). Os excluídos do interior. In P. Bourdieu (Org.). *A miséria do mundo* (pp. 481-486). Petrópolis: Vozes.
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Laplantine, F. (1991). *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes.
- Saramago, J. (2005). *As intermitências da morte*. Lisboa: Editorial Caminho.